

Noites de Lua Cheia (Memórias do Engenho Amor)⁽¹⁾

Prof. Dr. José Santino de Assis*
Pesquisador do Laboratório de Fitogeografia Aplicada (LABFIT)
Maceió-Alagoas, 2016

Esta maior e mais brilhante Lua Cheia de hoje (14/11/2016) e dos últimos 68 anos lembrou-me aquelas outras que preluziam as noites mais fagueiras daqueles meus 15/16 anos de idade, em que vivi no Engenho Amor, da Usina Peixe.

Lá, à beira da estrada que ligava o cercado do Engenho à Usina Peixe, havia a Casa-de-Farinha. E, à sua frente, a casa onde moravam o seu "Messia" e sua irmã: a dona "Zuza". Por traz da casa-de-farinha corria o brejo (rio muito estreito ou alagado) no qual se pescavam: sarapós, caritos, jundiás, piabas, cabojos, aratanhas e tantos outros pequenos, porém, saborosos peixinhos. Pescava-se de puçás, de balaios, de jererés e até de covos e jequis.

Quando as farinhadas eram longas (de várias cargas de mandiocas), ou de vários mandioqueiros, viravam-se noites e dias na preparação e no cozimento da peneirada massa da mandioca que, mexida no forno quente virava a farinha seca. Tarefas que se encerravam aos sábados de cada semana. Sim, porque aos domingos ela era transportada em grandes sacos de algodão de até 10 cuias (uma cuia correspondia a um volume de 10 litros) sobre o lombo de possantes cavalos guiados pelos matutos, para exposição à venda na feira de Flexeiras.

Assim, quando noites eram viradas em farinhadas, algumas famílias, principalmente a cargo das mulheres, iam à pesca no brejinho. Os pescados eram assados ou fritos na banha de porco ou de galinha, ali mesmo no calor do forno. Pelas noites e pelas manhãs eram deglutidos com os beijus feitos das massas peneiradas; os chapéus-de-coro feitos da goma com a massa e ralas de coco e assados sob a farinha mexida; os bolos-manuês feitos de massa puba em folhas de bananeiras; e a própria farinha-mole. Usavam-se também: a macaxeira, o cará e a batata cozida na panela de barro ou de estanho, ou assada sob a terra debaixo do braseiro das fogueiras à lenha. Eram deliciosos ingredientes daquela magnânima e irresistível culinária do tempero caboclo.

Algumas famílias levavam carnes secas de boi, de porco, de bode e de carneiro. Também se coziam as frangas, as peruas, os patos e os capotes ou guinés ou galinhas d'Angola. Havia também as rabadas, as

paneladas e até as buchadas. As bebidas durante aquelas fartas refeições variavam desde o café (do torrado em casa), da garapa de açúcar bruto ou do raro cristal e refinado, do caldo de cana e da própria cana chupada (que não eram mais a caiana, a manteiga, a demerara e as crioulas roxas e listradas; todas remanentes da época dos engenhos banguês). Agora (naquele momento) era da cana C-O ou "curimbatória", ou da P-O-J ou "pirojota". Mas o melhor daqueles caldos era o saborosíssimo "caldo azedo" levado nas cabaças de até cinco litros.

Não deixava de ser uma autêntica festa entre famílias. As mulheres cantarolavam aos sons das toadas: "*Lá por traz daquela serra tem um pé de manacá...*"; "*Tô chorando tô chorando por você, se você não acredita vou...*".

Voltando à "lua cheia".

Quando numa daquelas ocasiões ela dava o ar da sua beleza e esplendor; o grande, limpíssimo e cuidadoso terreiro da casa de seu Messia e dona Zuza recebia toda aquela claridade convidativa ao encontro dos jovens da minha mesma faixa etária. Momentos em que, dentre outras brincadeiras, formávamos uma grande roda, com todos em pé ou sentados no chão batido, para a "brincadeira de anel". Cada um daqueles meios-rapazes (rapazolas) tinha as suas meio-moças (moçoilas) preferidas para largar o anel somente nas mãos delas. As minhas duas eram: a Aurelina (morena clara) e a Petrócia (morena jambo), a mais bela. Os que não dispunham de preferidas para soltarem o anel em suas mãos, ficavam ciumentos. Pelo que tentavam introduzir um dos seus dedos por entre as mãos das meninas, na busca de retirar, à força, o anel da mão da que estava com ele.

O melhor horário da lua cheia para aquelas brincadeiras era quando ela atingia a inclinação a partir do ângulo de 45 graus.

Foi por meio daquela excepcional lua cheia deste 14/11/16 que pude contemplar da minha varanda após a sua altura próxima desse ângulo referido, que me veio à tona com toda força as recordações daqueles belos momentos em que as salutareis farinhadas nos proporcionavam, de vez em quando, para não mais esquecer. Ou relembrar-lhes para todo o sempre. Quantas memoráveis saudades!

⁽¹⁾ Ideia concebida às 20h30min da noite, quando passei a contemplar e fotografar daqui do meu Ap. no bairro de Stella Maris, em Maceió.

*É Geógrafo Doutor em Organização do Espaço e Mestre em Estudos Ambientais. Atuante no Zoneamento e na Análise Geofitoambiental para o Planejamento Territorial.